

# PRA FRENTE É QUE SE ANDA

**Em defesa de uma aliança  
estratégica com o PCdoB para  
continuarmos avançando na  
construção de uma Contagem  
democrática e popular**

*pág.4*

**1**

**O FANTASMA DO GOLPISMO RONDA A GRANDE PÁTRIA!**

**2**

**AS RIQUEZAS DO NOSSO POVO E DA NOSSA TERRA ESTÃO EM JOGO**

*pág.5*

**3**

**A CRISE NO BRASIL**

*pág.6*

**4**

**UM NOVO CICLO DE MUDANÇAS**

*pág.8*

**5**

**O MOMENTO É DE UNIDADE!**

*pág.9*

**6**

**CONTAGEM: UM VERDADEIRO POLO DE RESISTÊNCIA**

*pág.10*

**7**

**UMA ALIANÇA ESTRATÉGICA**

# 1

## O FANTASMA DO GOLPISMO RONDA A GRANDE PÁTRIA!

Depois de longas décadas sob o jugo de ditaduras militares e governos neoliberais, a grande maioria dos países da América Latina insurgiu com mandatos progressistas, democráticos e populares. No período mais recente, obtivemos avanços na cultura democrática e importantes conquistas sociais foram impulsionadas em nosso continente, compondo um portentoso repertório de mudanças. No entanto, os governos de esquerda comprometidos com a emancipação dos mais pobres, a libertação de nossas nações e a concretização do sonho da integração continental, sofrem hoje com o ressurgimento vertiginoso de uma onda conservadora e o recrudescimento do sentimento de ódio de classe. Estamos vivendo tempos difíceis! As grandes potências, especialmente os EUA, não admitem mais transformações contrárias aos seus interesses de dominação. Trata-se de uma disputa com relevo histórico que remonta a perversa lógica da colonização e exploração dos nossos povos. O momento é decisivo e de muita tensão. A unidade entre os setores mais progressistas nunca se fez tão urgente e necessária!

A onda golpista atinge praticamente todos os países que se rebelaram contra os desmandos do grande capital financeiro global. O resultado das últimas eleições presidenciais na Argentina; o agravamento da crise política na Venezuela; o quadro de desgaste do governo chileno que, por sua vez, força a adoção de reformas conservadoras; a derrota de Evo Morales no plebiscito que lhe concederia chances de um novo mandato; bem como as reiteradas tentativas de derrubada da Dilma, desconstrução do PT e perseguição ao presidente Lula; são indicadores crassos de uma estratégia articulada que visa à retomada do controle político e econômico das nações latino-americanas e o reposicionamento do nosso continente enquanto bloco subserviente aos desmandos de forças externas.

# 2

## AS RIQUEZAS DO NOSSO POVO E DA NOSSA TERRA ESTÃO EM JOGO

A crise internacional que se explicitou a partir do estouro da bolha imobiliária nos EUA em 2008, se espalhou para a Europa e atingiu duramente a China. A disputa política mundial gira em torno de quem pagará a conta. Os grandes países e o sistema financeiro ou o povo mais pobre e as nações emergentes.

Na Europa, a ajuda com recursos do tesouro nacional para socorrer bancos privados em muitos países (como Islândia e mesmo Espanha), gerou exaustão dos recursos públicos disponíveis, colocando em questão a política de bem-estar do Continente. As medidas impostas pela União Europeia por meio da Troika foram excessivamente amargas e desencadearam uma onda de desemprego (atingindo 45% da mão-de-obra jovem da Espanha, por exemplo), desabastecimento (300 mil famílias tiveram a energia elétrica cortada por falta de pagamento na Grécia) e despejos por falta de pagamento de hipotecas. A retração da

economia chinesa (em julho de 2012 o superávit comercial da China caiu de US\$ 31,7 bilhões no mês anterior para US\$ 25,1 bilhões) foi mais uma peça do efeito dominó. E esta última peça afetou duramente o Brasil.

A crise do sistema financeiro global polarizou ideologicamente o mundo. Partidos de centro ou centro-esquerda foram tragados em virtude da política de austeridade. Não conseguiram propor alternativas para além do sacrifício dos mais pobres. Nos EUA, a adoção de alguns mecanismos keynesianos assumidos pela gestão Obama nutriram a radicalização ideológica, tendo à frente o discurso raivoso do TeaParty. Obama, a partir de então, foi acusado de socialista e destruidor dos valores de autonomia individual do seu país.

Atualmente, no processo das prévias que abarcam Republicanos e Democratas, assistimos, por um lado, o despontamento de um candidato ultraconservador entre os republicanos, e, por outro, o surpreendente surgimento de um candidato com posições mais à esquerda entre os democratas. Tal fato evidencia um acirramento entre posições antagônicas que dividem as opiniões. Dificilmente a candidatura de Sanders obterá vitória entre seus correligionários, mas o fato de ter derrotado o poderio imperial da família Clinton em vários estados, mostra que setores da sociedade norte-americana também sofrem indignação

com as graves consequências de um sistema que alimenta a desigualdade social.

Na Europa, a polarização foi ainda maior. A extrema direita, racista, emergiu na França, Bélgica, Áustria e Suíça, tendo à frente a perseguição de imigrantes que estariam “roubando seus empregos”. A questão da imigração, impulsionada pelos conflitos no Oriente Médio, adquire novos contornos e se apresenta como um grave problema para a comunidade europeia. Os confrontos em toda a parte do mundo acenam para certa agudização das concepções ideológicas, cristalizando visões que se balizam cada vez mais pelo ódio e desejo de extermínio do diferente. O surgimento de organizações radicalizadas como o Estado Islâmico potencializa os embates em torno de questões complexas, que se refastelam pela dimensão religiosa, econômica e política. O mundo ocidental com seu modelo de organização da sociedade que preconiza um Estado fraco e subordinado aos interesses do capital financeiro, está em colapso. Trata-se de uma profunda crise de grande alcance que atinge, em cheio, o âmago do capitalismo. Na outra ponta da “régua ideológica” partidos de tipo novo surgiram na Espanha (Podemos), Portugal (Bloco de Esquerda) e Grécia (Syriza), envolvendo antigos militantes comunistas e socialistas, mas também a juventude que saiu às ruas em protestos gigantescos (como o

15M, da Espanha; greve de 48 horas e manifestações em outubro de 2011 na Grécia; além da Revolução das Padeiras da Islândia, em 2008, entre outros). Deles se ouve, desde então, uma veemente crítica à relação promíscua entre grandes empresas e grandes partidos. Tudo foi resumido à denominação de “castas” (políticas e econômicas) que viraram as costas aos cidadãos.

Embora tais partidos de tipo novo tenham surgido como grandes promessas de superação da crise e mudança nos rumos da política econômica, suas ações também se mostraram insuficientes. A experiência do Syriza no comando da Grécia revela que pouco adianta iniciativas isoladas. Ou combatemos o capital por meio de uma grande concertação global, capaz de incidir nos organismos de governança mundial e nas inatingíveis corporações que dominam o sistema financeiro, ou todo esforço estará relegado à supressão. O desfecho da crise grega, tendo o Syriza à frente das negociações, influenciou negativamente no desempenho eleitoral do Podemos na Espanha e também do Bloco de Esquerda em Portugal. Todavia, convém extrair outra lição apropriada das experiências europeias: a fragmentação da esquerda e a divisão do campo progressista enfraquece a luta popular contra a hegemônica e fortalece a direita e o bloco dos conservadores.

# 3

## A CRISE NO BRASIL

A instabilidade econômica também atingiu o Brasil a partir de 2011. Em 2010, a eleição presidencial já havia emitido sinais. No final do primeiro turno, a candidatura de Marina Silva, pelo Partido Verde, projetou-se e criou a sensação de que parte considerável dos eleitores procurava uma alternativa à polarização PT-PSDB. Nas eleições municipais de 2012, este fenômeno reapareceu em algumas localidades, principalmente nas metrópoles, como em São Paulo. Finalmente, a reeleição de Dilma Rousseff (2014) revelou com toda nitidez a crise profunda por que passa o sistema partidário. No primeiro turno, a oscilação na intenção de votos, provocando uma gangorra entre as posições das candidaturas oposicionistas do PSB e PSDB, se somou à migração dos indecisos e, finalmente, à diminuta margem de vantagem que a candidata

petista obteve sobre seu adversário. A significativa mobilidade social que inseriu milhões de brasileiros no mercado de consumo gerou uma expectativa positiva sobre o partido e a aliança situacionista. Mais de 40 milhões de brasileiros deixaram uma vida de penúria e passaram a ser encarados de outra forma nos grandes centros urbanos. Trata-se de uma ruptura com trajetórias familiares de pobreza e marginalidade. Portanto, há um colchão de credibilidade que não joga o PT na mesma trajetória que os partidos europeus próximos a ele.

Até o momento.

A crise internacional, entretanto, fez ruir parte dos recursos que financiaram as políticas de inclusão social dos governos petistas. Para citar um único exemplo, vale lembrar que a China investiu diretamente (além das importações) 13,6 bilhões de dólares no Brasil em 2010. Fomos o país que recebeu maior volume de

recursos produtivos da China naquele ano. Pois bem, em 2013 o volume de investimentos chineses no Brasil foi apenas 10% do realizado em 2010. Os brasileiros sentiram a instabilidade e a percepção da crise foi se instalando. Em maio de 2013, um mero boato do fim do programa “Bolsa Família” estimulou 920 mil beneficiários a sacar todo saldo das suas contas na Caixa Econômica Federal, em apenas três dias. Algo que revelava que o segmento do eleitorado mais fiel aos nossos governos já pressentia as dificuldades econômicas em curso.

As manifestações de junho de 2013, embora envolvesse jovens que em sua maioria não tinha nenhuma identidade partidária ou posicionamento ideológico, acabou por contaminar parte significativa do eleitorado que não saiu às ruas. O efeito foi a corrosão de 50% da popularidade do governo federal e de vários governos estaduais (em espe-

cial, do Rio de Janeiro) e municipais. A insegurança em relação à sustentabilidade do novo patamar de qualidade de vida adquirido por tantos trabalhadores na última década estimula a busca por uma alternativa que garanta o bem-estar conquistado. Assim, após a inflexão da classe média – principalmente da região centro-sul do país –, setores menos abastados da sociedade brasileira começaram a revelar a intenção de procurar alternativas ao PT.

Se não há polarizações tão profundas como as que envolvem a Europa e parte dos EUA (como a ascensão da ultra direita TeaParty e das reações autonomistas do Occupy) em nosso país, deve-se à falta de alternativa no sistema partidário (quase sempre pendendo à direita e sugerindo mais controle de gastos, o que assusta o eleitorado pobre), à credibilidade que a inserção social dos últimos anos trouxe e à crise econômica que ainda não atingiu os pata-

mares dos outros continentes.

Contudo, a política econômica colocada em prática pelo Governo Dilma faz com que fiquemos isolados diante de nossa base social, potencializando a ofensiva da direita. A confiança popular em nosso governo esvai-se, definhando juntamente com a popularidade de Dilma e Lula e implodindo a credibilidade do PT. A polarização ideológica vitamina a política brasileira e seus reflexos nas eleições municipais serão percebidos com muita nitidez. A direita já deu sinais de que utilizará os palanques das grandes cidades para reproduzir seus discursos recheados de ódio e informações truncadas, incitando as pessoas a ficarem cada vez mais decepcionadas e indignadas com o PT.

Assim, faz-se urgente a recomposição das forças políticas que deram sustentação às transformações impulsionadas pelos nossos governos nos últimos anos. Se antes dos

governos petistas a prioridade era a construção de ambiente de investimento, diminuindo os custos de produção (o que incluía queda dos salários e dos benefícios sociais), nos últimos anos a prioridade passou a ser o fomento de um poderoso mercado interno e o esboço de uma política nacional de proteção social. Estas conquistas estão em risco.

As capitais e principais cidades do país precisam reagir e apresentar uma nítida mensagem de unidade das forças partidárias e políticas de esquerda que refutam a política de Estado tradicional, excludente e elitizada. Mais: precisam indicar que o ciclo iniciado em 2003 não se esgotou.

Em um ano de eleições municipais é de cidades como Contagem que a mensagem de firmeza e inovação, criando forte unidade em torno de um novo ciclo de políticas públicas inclusivas e ousadas, deve partir.

## 4 UM NOVO CICLO DE MUDANÇAS

Os governos do Partido dos Trabalhadores nos últimos treze anos deixam um legado de extraordinárias conquistas. Avançamos em diversas áreas e modificamos a fundo a realidade da sociedade brasileira. Poderíamos mencionar inúmeras políticas públicas e medidas estratégicas que ajudaram a melhorar a vida das pessoas. Não há razões, portanto, para nos sentirmos acuados diante de nossos

adversários. Antes pelo contrário, temos razões de sobra para fazermos um balanço positivo da última década e defendermos a continuidade do projeto democrático e popular.

Por outro lado, podemos dizer que chegamos ao esgotamento de um ciclo e no limite da tática “colaboracionista” que, por sua vez, busca o equilíbrio entre as forças sociais e econômicas, bem como a conciliação entre classes antagônicas. Para se ter uma ideia, milhões de pessoas foram incluídas na sociedade do consumo. Porém, ao mesmo tempo, ainda convivemos com elevados índices de desigualdade social, evidenciando a incalculável distância que existe entre os mais ricos e os mais pobres. Neste sentido, novas questões se impõem no cenário de conquistas sociais e políticas.

A desigualdade social se apresenta como a crônica maldição do século XXI. Uma epidemia mais avassaladora que a pobreza e a fome. Uma tragédia mais sombria que o nazismo. Um genocídio mais violento que a segunda guerra mundial. Um extermínio mais cruento que a invasão das Américas. Uma reencarnação da peste bubônica metamorfoseada e geneticamente modificada. Temos, portanto, de superá-la. O problema é que da sua existência depende a saúde do sistema financeiro global que detém os atuais meios

de produção. O capital está cada vez mais concentrado nas mãos de poucas pessoas. Segundo dados da ONG britânica OXFAM, cerca de 1% da população se apropria de mais de 50% da riqueza mundial. Assim, uma opção se faz necessária! Ou a humanidade supera a desigualdade social ou será por ela superada!

Além disso, vale dizer que em todos os países do mundo onde houve inclusão social baseada no consumo, observou-se também o surgimento de um conservadorismo popular. As classes mais baixas atingem certa ascensão e se perdem entre dois sentimentos distintos: o medo de voltar a ser miserável e a esperança de continuar “subindo na vida”. Deste modo, assimilam valores típicos de uma pequena burguesia ambiciosa e reacionária ou de uma classe média conservadora e recuada. Neste sentido, a base social que garantiu as vitórias eleitorais do PT em 2006, 2010 e 2014 está dividida e sendo cotidianamente disputada, doravante pendendo cada vez mais

para o lado de nossos adversários. É hora de disputarmos a opinião das pessoas, ainda que para tal, tenhamos que lutar contra a força de influência dos grandes meios de comunicação.

As diversas manifestações populares, que tiveram forte impulso nas redes sociais e na internet, sinalizam para uma face política do novo Brasil. O projeto de transformação em curso redefiniu a estrutura de classes da sociedade brasileira e, de igual maneira, pode redefinir a correlação de forças estabelecida no Congresso e na sociedade. Para isso, faz-se necessário uma ação capaz de canalizar toda espécie de insatisfação popular para uma agenda programática progressista. É tarefa do governo, mas também do partido, construir canais de diálogo com as diversas vozes que ecoam das ruas nas jornadas de junho e julho de 2013. Além disto, convém apontar caminhos estratégicos para as mudanças que a sociedade reclama e o Brasil precisa.

Temos, portanto, que extrair da atual conjuntura elementos para a renovação de nossa agenda. Estamos diante de uma oportunidade histórica de radicalizarmos nossas ações à esquerda. De marcharmos no sentido das grandes reformas estruturais e estruturantes. De atualizarmos a plataforma programática do Partido dos Trabalhadores. É hora de colocarmos na ordem do dia temas como a reforma política, a democratização da mídia, a reforma agrária, a reforma urbana, a reforma tributária, dentre diversas outras medidas estratégicas e indispensáveis à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para isso, torna-se fundamental acumularmos forças na sociedade e defendermos a continuidade de nosso projeto. Temos como tarefa prioritária a defesa do Governo Dilma juntamente com a defesa do legado de nosso partido e da integridade do presidente Lula. A direita conservadora, com seus velhos e novos aliados, deposita todas as fichas na de-

sestabilização e derrubada do nosso governo, na prisão de Lula - que pode desencadear um cerco a tantas outras lideranças de peso do nosso partido - e na desconstrução permanente do PT enquanto instrumento de luta da classe trabalhadora. O objetivo é cristalino: por fim à trajetória de conquistas do povo e retomar a execução do projeto entreguista das elites, distribuindo nossas riquezas entre as forças ocultas que operam o grande capital internacional. Desde 2003, quando chegou ao poder conduzido por uma vitória histórica, o PT tem sido alvo de ataques constantes por parte do que de mais conservador e retrógrado existe

na sociedade brasileira. Tais setores utilizam como instrumento a grande mídia, especialmente a rede global, para difundir e propagandear suas mensagens de ódio que incitam conflitos antidemocráticos. Baseiam-se, para tanto, em uma narrativa falsa e manipuladora. Contudo, vencem o debate. Isto significa que precisamos avançar no mínimo em duas frentes de ação: construir uma narrativa do último período e da atualidade mais eficiente e historicamente legitimada e encontrar meios de difundi-la entre as massas. Num primeiro momento, os ataques ao PT justificavam-se apenas por preconceito e ignorância. No

entanto, após os resultados obtidos pelo governo Lula no combate à pobreza, tais assaltes passaram a se balizar também pelo ódio de classe que emana de uma elite conservadora e historicamente privilegiada, que não admite dividir espaço com o povo nos aeroportos, nos shopping centers, nos supermercados, nos restaurantes, nas faculdades e em outros espaços antes limitados somente à Casa Grande. A ascensão dos mais pobres a bens e serviços antes proibidos atiçou a sanha da malta que, séculos por séculos, se habituou a escravizar, explorar e pisotear.

O PT é um partido democrático e de massas. O maior partido de esquerda do Brasil e da América Latina. Um partido forte e enraizado na sociedade brasileira. Nascemos das lutas pela democracia e contra as injustiças. Nascemos de vários sonhos. Um partido construído pelas mãos de muitos e muitas, de baixo para cima. A reaproximação do PT com a sociedade e as lutas populares passa também pela recuperação da utopia que contagiou o país há mais de 30 anos e que hoje aparece apenas como uma representação do status quo para boa parte da população, especialmente aquela que começa sua atuação política depois de 2003.

As reivindicações recentes anunciam desejos de um novo modo de vida, de igualdades, valores democráticos e direitos sociais que, por ora, são incompatíveis com o sistema capitalista e o modelo de democracia burguesa dos séculos XIX e XX. Assim, as idéias socialistas e a defesa do outro mundo possível dialogam com muitas vozes que vêm das ruas, ao mesmo tempo em que devolvem ao nosso projeto uma força utópica, sem a qual não se faz um partido de massas e mobilizador de sonhos e de sonhadores.

Neste sentido, ampliar políticas públicas e administrar o sistema de exploração dos trabalhadores não satisfaz nem ao projeto histórico do PT nem tampouco ao desejo de mudança expresso pelas camadas mais populares. Mais que nunca, a energia revolucionária que impulsionou os primeiros 30 anos do PT precisa ser revigorada através da repactuação do nosso projeto com seu grande horizonte estratégico: construir uma sociedade sem explorados e exploradores a partir da luta dos/as trabalhadores/as.

## 6 CONTAGEM: UM VERDADEIRO POLO DE RESISTÊNCIA

Na década de 1960, nossa cidade entrou para a história em razão da resistência dos operários que lideraram, no justo momento em que a ditadura civil-militar mostrava sua face mais violenta e opressora, o movimento grevista de 1968. Os trabalhadores se unificaram em torno de uma pauta que reivindicava melhores condições de trabalho e também era contra o arrocho salarial que afligia praticamente todo o país. Assim, Contagem ergueu-se forte na oposição à ditadura e os trabalhadores obtiveram um acordo histórico na mediação direta do Ministro do Trabalho à época, Jarbas Passarinho, que veio à cidade com a missão de sucumbir aquele levante antes de sua proliferação. Simultaneamente, um movimento com contornos similares também fora impulsionado na cidade de Osasco em São Paulo. Tais greves ficaram marcadas como propulsoras de um sindicalismo mais aguerrido e menos pelego, dando um recado ousado para os patrões: a unidade da classe trabalhadora e a mobilização popular são capazes de estremecer qualquer estrutura de poder. Desde então, nossa cidade tem sido vanguardista no que diz respeito à organização dos mais pobres. No fim da década de 1970 e início da década de 1980, outro movimento organizado, agora pelos trabalhadores da educação, mobilizou a cidade e obteve importantes conquistas. O PT em Contagem é fruto das muitas lutas travadas no seio da cidade operária de origem industrial. Sua história se entrecruza, confundindo-se com a trajetória de tantos movimentos populares. Nesse sentido, a construção do campo da esquerda no município esteve atrelada às organizações da classe trabalhadora e dos segmentos mais populares, desde a luta sindical e popular até as organizações culturais e religiosas. O Jornal dos Bairros, tal como outras experiências do mesmo tipo, comprovavam o protagonismo da cidade nas lutas sociais do estado e do país.

Ao cabo de longos anos de muita mobilização, em 2005 conquistamos pela primeira vez a Prefeitura e, desde então, conseguimos atingir relativa hegemonia na sociedade contagense. Em 2008, reelegemos Marília Campos que, por sua vez, deixou um grande legado de conquistas para a cidade, obtendo reconhecimento em sua eleição para a Assembleia Legislativa no pleito de 2014, quando alcançou uma votação histórica.

Em 2012, ano das últimas eleições municipais, o governo petista desfrutava de uma boa avaliação. Naquele momento, estávamos bem posicionados no tabuleiro da política local e resolvemos disputar a sucessão da pre-

feitura. Apresentamos a candidatura de nosso companheiro Durval Ângelo, deputado estadual e um dos fundadores do PT em Contagem. Sua candidatura não decolou em razão de equívocos táticos e estratégicos e, então, vi-mo-nos diante de um fato inédito: PT e PCdoB se enfrentando em uma disputa de segundo turno. Partidos que sempre foram aliados em todos os níveis e que, inquestionavelmente, dispõem de um programa muito convergente, se digladiavam na segunda maior cidade de Minas Gerais.

A disputa deixou marcas e abriu feridas de ambos os lados. Excessos típicos de campanhas eleitorais em cidades grandes foram cometidos tanto pelos comunistas quanto pelos petistas. Entretanto, noutra perspectiva, tal ineditismo também aponta para um avanço da esquerda contagense que, inexoravelmente, tornou-se hegemônica e conseguiu superar as tradicionais lideranças da direita que sempre comandaram a cidade.

O processo resultou em tamanho desgaste que, uma vez terminada as eleições, não havia ambiente para reaproximação entre os dois partidos. O acirramento da disputa levou os comunistas a acordos com setores da direita, forçando a formação de um governo menos coeso e profundamente heterogêneo que, por sua vez, agregou diversas forças antagônicas ao nosso projeto. Deste modo, o Diretório Municipal do PT se reuniu e decidiu assumir uma posição de independência em relação ao novo governo liderado pelo PCdoB. O PT contava com a maior bancada de vereadores na Câmara, um total de quatro vereadores. Os parlamentares petistas, em nenhum momento, fizeram oposição declarada ao governo comunista, mas também não houve adesão automática.

No final de 2014, saíamos de uma apertada e embaraçosa disputa eleitoral, onde enfrentamos uma direita renovada e impregnada de ódio. Desta vez, elegemos pela primeira vez um governador petista em Minas Gerais e reelegemos a presidenta Dilma. O PCdoB empenhou-se nas duas campanhas petistas. Em Contagem, o processo das eleições acabou reaproximando os dois partidos. Assim, no dia 10 de novembro de 2014, recebemos o convite para fazermos parte da base de sustentação do governo municipal e compormos os quadros da administração. Depois de muitos debates que envolveram todas as forças partidárias, assim como o conjunto da militância petista, o Diretório Municipal do Partido decidiu pela maioria aceitar o convite dos comunistas. O que significa que houve uma repactuação entre o PT e o PCdoB na cidade. A partir de então, voltamos a governar a cidade juntos, visto que os comunistas, de igual modo, contribuíram com os dois mandatos petistas.

## 5 O MOMENTO É DE UNIDADE!

As conquistas sociais dos últimos anos vieram acompanhadas de uma disforme despolitização da política. Trata-se de uma ação contraofensiva de setores ultraconservadores que, para tanto, constrange a classe política e paralisa os partidos de esquerda, distanciando ainda mais as pessoas da noção de cidadania e da participação. Querem, quando pouco, suscitar um velho e superado projeto das elites de nosso país: erigir uma democracia sem povo. Nesse contexto, somos atingidos por uma forte onda que impulsiona a criminalização da ação política, enquanto tática de enfraquecimento das lideranças progressistas e das organizações populares. Todo “político” se revela um criminoso em potencial. A mídia, aliada estratégica do conservadorismo e desde sempre dominada pelos mais ricos, exalta como pode a ideia de corrupção, deixando o povo escandalizado. Tais movimentos difundem uma compreensão parcial e minimalista dos fatos, resultando na fragilização da democracia e numa ameaça factível ao Estado Democrático de Direito.

# 7

## UMA ALIANÇA ESTRATÉGICA

A forte crise econômica e política que afeta o mundo atinge nosso país e, conseqüentemente, nossa cidade. O atual governo enfrenta muitas dificuldades, tendo como principal desafio uma equação de complicada solução: diminuição na arrecadação combinada com o aumento das demandas sociais.

Contagem é um município de grande porte, com população próxima de 700 mil habitantes, uma receita corrente na casa de um bilhão e meio e um PIB que gira em torno de vinte bilhões. A cidade está entre as trinta maiores do país e tem um peso econômico superior ao de capitais como Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, e Natal, no Rio Grande do Norte. No entanto, em função de uma condução irresponsável da política fiscal por parte de governos anteriores, dispõe de um orçamento incompatível com seu tamanho e com as dimensões de seus complexos problemas. Nossa cidade é conhecida como aquela que não cobra IPTU residencial, assume a execução e financiamento do ensino médio por meio das FUNEC's e "abre mão" de outras receitas tidas como vitais na dinâmica de qualquer economia local.

Contudo, mesmo diante de dificuldades orçamentárias e de uma realidade desastrosa para praticamente todas as administrações municipais, o governo liderado pelo PCdoB mantém os salários dos servidores em dia, os serviços públicos funcionando e ainda impulsiona o desenvolvimento local com uma cartela de investimentos que ultrapassa a casa de um bilhão de reais. São grandes obras de mobilidade urbana e muitas entregas nas áreas de saúde, educação, habitação e assistência social.

Para termos dimensão da gravidade do problema enfrentado pelos municípios brasileiros, basta compararmos Contagem com outras cidades. Se assim o fizermos, observaremos que nossa situação é melhor em relação a muitos outros lugares. E vale dizer que não precisamos ir muito longe para fazermos tal constatação. Nem tampouco tomarmos como exemplos administrações de outros partidos. Diante disso e de outros fatores próprios da política contagemense, consideramos que o prefeito Carlin Moura dispõe de condições objetivas favoráveis à sua reeleição. Não há razões, portanto, para incidirmos em um movimento tático que pode transparecer oportunismo eleitoral. Temos que extrair lições de desacertos passados e de tantas outras experiências fracassadas. Quando há

divisão e fragmentação do nosso campo, corre-se o risco de retrocedermos e perdermos a chance de vencer.

A aliança entre PT e PCdoB no município não se trata apenas de uma consequência local da relação histórica entre os dois partidos, nem tampouco de parcerias firmadas em nível estadual e nacional. A base dessa repactuação está sedimentada na unidade que o momento exige. A essência que une os dois partidos na cidade é a disposição de lutar em defesa da nossa pátria. Em defesa de um Brasil mais justo e igualitário. Em defesa, antes de tudo, do nosso projeto histórico. O PCdoB é um partido importante e de grande envergadura no campo popular, por isso, torna-se imperioso avançarmos na unidade em torno de uma agenda de lutas em defesa da democracia e de um programa mais avançado para Contagem.

Fazemos parte do governo liderado pelo PCdoB pois entendemos a importância de unificarmos nosso campo em torno do projeto nacional e também por compreendermos que a gestão comunista representa a continuidade de um projeto de cidade vitorioso. Nenhum programa fora interrompido, nenhuma obra paralisada. Não houve corte de investimentos nas políticas sociais, antes pelo contrário. Isto é, não há modificação substancial de rumos. O governo comunista continuou e ampliou o ciclo de transformações inaugurado pelo PT na cidade de Contagem, dando sequência no fortalecimento de uma cultura democrática e de participação popular, marcas indelévels das administrações petistas.

Desde que entramos para o governo municipal, em fevereiro de 2015, assumimos uma nítida ofensiva programática, tanto na busca de resultados sociais concretos (em especial nas regiões fronteiriças

de Contagem, onde a população mais pobre se queixa de abandono histórico; assim como na área das políticas sociais, habitação, desenvolvimento econômico e garantia dos direitos humanos), como na reconfiguração de sua base aliada. A adesão petista provocou uma inflexão do governo Carlin Moura à esquerda, desalojando lideranças e partidos antagônicos ao nosso projeto. Não sem razão, os tucanos desembarcaram da Prefeitura e lideram hoje um movimento oposicionista com vistas ao fortalecimento de uma candidatura para derrotar o atual prefeito. A disputa eleitoral em Contagem contará com um candidato tucano que, certamente, rezerá a cartilha do PSDB, disparando contra o PT e contra o projeto democrático e popular.

Não podemos, portanto, permitir que nosso município seja atingido pelo retrocesso conservador. Temos a tarefa de defender a continuidade dos avanços iniciados em 2005. Nesse sentido, respeitamos a decisão da companheira Marília Campos, ex-prefeita e, atualmente, deputada estadual, de não disputar as eleições deste ano para a Prefeitura municipal. Destarte, diante de tal cenário, defendemos uma aliança firme em torno da reeleição do atual prefeito Carlin Moura. O momento exige unidade do campo progressista. Neste sentido, reafirmamos a importância de um pacto programático entre o PT e o PCdoB em Contagem, apontando diretrizes e metas para o próximo governo. Para tanto, caberá ao Diretório Municipal em conjunto com a militância petista, a elaboração de uma plataforma programática que dará sustentação à aliança entre PT e PCdoB. Reiteramos: não se trata de uma aliança eleitoral, tática ou pragmática, mas de uma aliança política, estratégica e programática.

## VAI AVANÇAR, VAI AVANÇAR: A UNIDADE POPULAR!

As eleições municipais de 2016 possuem dimensões estratégicas. O que está em jogo, antes de tudo, é o rumo do país. Todos aqueles e aquelas que sonham com um Brasil mais justo e, conseqüentemente, com uma Contagem mais justa, precisam se unir em torno de uma mesma missão, uma mesma bandeira: manter viva a chama da democracia, da igualdade, da justiça social, dos direitos humanos. Manter viva a esquerda!

A tática eleitoral do partido deve estar inteiramente subordinada à estratégia de acumular forças em torno da defesa da democracia e dos interesses dos mais pobres. O Brasil precisa dessa unidade popular para continuar avançando. Entendemos ainda que no embate que está colocado para a sociedade brasileira, existem apenas dois lados. De um lado estão os golpistas e aqueles que defendem os interesses dos mais ricos. E do outro, estamos nós, que defendemos a democracia, a continuidade do projeto democrático e popular, a integridade do presidente Lula, o legado petista e os interesses do povo mais pobre.

De igual maneira, compreendemos que opiniões diferentes e divergências no campo das ideias são a fonte de nossa força e partes indispensáveis ao amadurecimento democrático de qualquer organização. A diversidade petista é fator que dinamiza e revigora o partido. No entanto, apeteçamos que nossas diferenças sejam tratadas internamente, tal como sempre foram.

Não podemos, em nenhuma hipótese, compactuarmos com movimentos à direita de desconstrução do governo comunista, do qual fazemos parte, nem tampouco endossarmos candidaturas oposicionistas que emanam do que de mais retrógrado

e conservador existe na política contagemense. Ou saímos pela esquerda ou estaremos engrossando o caldo da ofensiva golpista que atinge nosso partido e nossos governos.

Assim, nós abaixo assinados, dirigentes e militantes do PT, parte da geração histórica que fundou esse partido, mas também parte de uma nova geração que corajosamente persiste na construção deste instrumento, conclamamos os demais companheiros e companheiras a uma profunda reflexão sobre os desafios que a conjuntura nos impõe. A contribuição da militância petista torna-se imprescindível para a concretização de nossa tão urgente quanto necessária unidade. Avaliamos que movimentos de fora para dentro em nada favorecem a elaboração de sínteses, pois fragilizam a relação da direção com a militância e dinamitam a legitimidade das instâncias de decisão do partido.

Em tempos tão difíceis e decisivos, não podemos permitir quaisquer ensaios que ameacem a continuidade dos avanços em nosso país. De nada adianta obtermos vitórias eleitorais nos projetos locais e sofrermos derrotas políticas que fragilizem ainda mais o projeto nacional. Mais vale, portanto, vencer politicamente em todos os níveis. Não podemos nos enganar com narrativas enevoadas que ignoram a complexa e delicada situação do país e do mundo. É hora de lutar por tudo aquilo que sonhamos e conquistamos nos últimos anos. E somente com uma unidade completa, sem dissidências, sem rupturas, sem omissões, conseguiremos manter vivo o brilho da estrela que nos orienta rumo à construção do socialismo. Para tanto, sigamos juntos e unidos, pois "pra frente é que se anda".

